



## Philosophical aspects of medical schools with Problem-Based Learning: the Narcissus error

### Aspectos filosóficos das escolas médicas com Aprendizagem Baseada em Problemas: o erro de Narciso

Rinaldo Henrique AGUILAR-DA-SILVA<sup>1</sup>

**Abstract:** This paper present a critical analysis of the implementation of the National Curriculum Guidelines (DCN's) for medical courses relating them to Philosophical and Epistemological aspects. The Greek myth of Narcissus is used to think in the proposed challenges, questioning the teacher's role in this change.

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise crítica da implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) para os cursos de Medicina relacionando-as a aspectos Filosóficos e Epistemológicos. O mito grego de Narciso é utilizado como disparador da reflexão nos permitindo avançar frente aos desafios propostos, questionando o papel do professor nesta mudança.

**Keywords:** Problem Based Learning; Medical Education; National Curriculum Guidelines.

**Palavras-chave:** Aprendizagem Baseada em problemas; Educação Médica, Diretrizes Curriculares Nacionais.

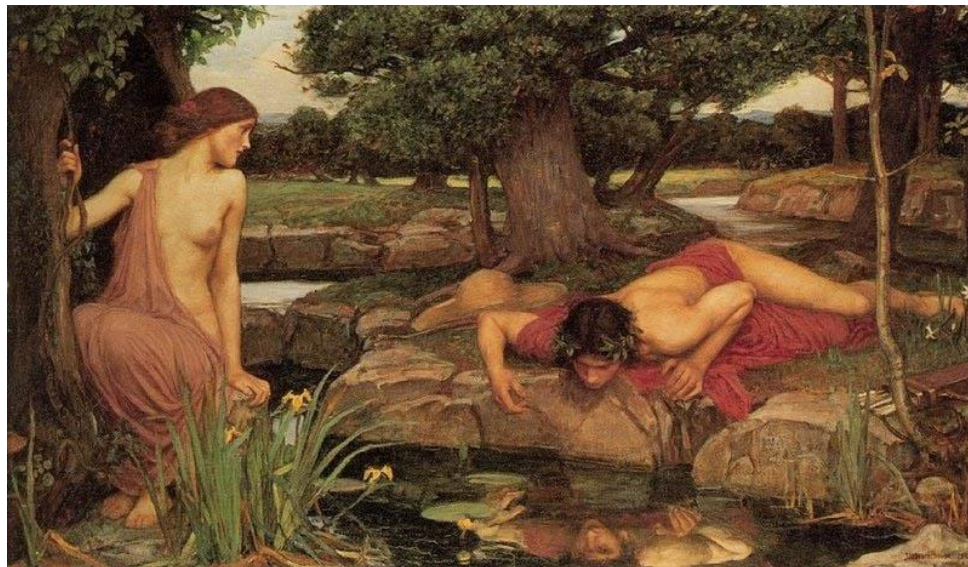
RECEBIDO: 03.03.2015

APROVADO: 23.06.2015

\*\*\*

---

<sup>1</sup>Pós-doutor em Ensino em Saúde (Universidade Federal de São Paulo – Unifesp). Professor da Faculdade de Medicina de Marília – *E-mail:* [aguilar@famema.br](mailto:aguilar@famema.br)



Eco e Narciso. Óleo sobre tela de John William Waterhouse (1849 / 1917). Data: 1903.  
 Liverpool, Inglaterra. Walker ArtGallery.

Desde a promulgação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) para o curso de Medicina no ano de 2001<sup>2</sup>, e agora mais recentemente com sua reformulação em 2014<sup>3</sup>, as escolas médicas possuem o desafio de realizar transformações curriculares. Estas não passam somente pela revisão dos currículos, mas, sobretudo, pela necessária modificação do comportamento e atuação do professor.

Mesmo para escolas que conseguiram avançar com a implantação de Métodos Ativos de Ensino Aprendizagem, passada mais de uma década das DCN's,

<sup>2</sup>MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DO BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CES 1.133/2001*, 7 de agosto de 2001. Disponível em: [HTTP://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2001/pces1133\\_01.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2001/pces1133_01.pdf)

<sup>3</sup>MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DO BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CES 116/2014*, 6 de junho de 2014. Disponível em: [HTTP://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2014/pces116\\_14.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2014/pces116_14.pdf)



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 4* (2015/1).

*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*

*Virtues and Principles in Healthcare*

*Virtudes y Princípios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

constatamos uma série de dificuldades que apontam o paradigma de atuação docente como o principal problema a ser vencido.

Assim, as vivências internas das Escolas Médicas sempre nos apontam um desconforto, sinalizando que algo parece não ir bem ou de não estar no local adequado, direcionando-nos para uma reflexão sobre a forma como a metodologia da Aprendizagem Baseada em Problemas tem sido aplicada na graduação médica, sua relação com os pressupostos teórico-filosóficos e os diversos entendimentos sobre a atuação docente.

Percebo que já há muito tempo, tem sido sofrido para docentes e estudantes vivenciar os processos educacionais. Segundo Piaget<sup>4</sup>..*a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais sendo por isso, indispensável à prática educativa*". De fato, o que está acontecendo? Perdemos a alegria e o prazer de ensinar e aprender?

Por isso, me aproprio da Filosofia e ousou dizer que já há muitos anos estamos padecendo do chamado “Erro de Narciso”. Retomo uma das possíveis versões desta história que a mitologia grega nos legou onde o núcleo é Narciso um formoso adolescente (talvez até tivesse 17 anos, o tempo de implantação da Aprendizagem Baseada em Problemas no Brasil) filho dos amores do deus rio, Cêfiso, e uma ninfa.

“Quando nasceu, os pais interrogaram o vidente  
Tirésias sobre o destino do menino, e a resposta foi

---

<sup>4</sup>PIAGET, Jean. *Para onde vai a educação?* 10.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.p.61.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 4* (2015/1).  
*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*  
*Virtues and Principles in Healthcare*  
*Virtudes y Princípios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

enigmática: o menino conheceria a velhice se não visse a si mesmo... Chegando à juventude, sua rara beleza despertava paixões ardentes nos que o contemplavam, mas era com frio desdém que ele reagia ao amor de mortais e imortais.

Como tantas, a ninfa Eco se apaixonou por Narciso e precisou amargar a mesma decepção: encerrou-se em solitária caverna onde foi definhando até que de sua pessoa não restasse mais do que uma voz que gemia. Então, as jovens desprezadas pediram vingança aos céus: Nêmeses, a justa, as ouviu. Em uma tarde de calor esbraseante, Narciso, fatigado de longas horas de caça, abeirou-se de um riacho para matar a sede.

No espelho das águas viu sua figura e por ela se apaixonou perdidamente. Nada o demoveria do enleio que o enfeitiçara: quedou-se a contemplar a própria imagem até que a morte o levou para as regiões trevosas banhadas pelo rio Estige. Junto a essas águas sombrias, Narciso não cessa de perseguir sua amada figura. À beira da fonte não restou nada mais além de uma flor cujo miolo cor de açafão é cercado de pétalas brancas.”<sup>5</sup>

Vários filósofos já realizaram inúmeras interpretações acerca deste mito tentando explicar o que levou Narciso à morte. Apesar das várias abordagens é

---

<sup>5</sup>LAVELLE, Louis. *O Erro de Narciso* (Tradução: Paulo Neves). São Paulo: É Realizações, 2012.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 4* (2015/1).

*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*

*Virtues and Principles in Healthcare*

*Virtudes y Princípios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

quase uma unanimidade considerar que Narciso tenha sido amado apenas pela ninfa Eco que nada mais era do que sua própria consciência. Para outros, Narciso não viu de fato sua imagem fiel e formada ao debruçar-se sobre o rio. As águas tremulas e turvas, construíram uma imagem distorcida de si mesmo impregnada de amor próprio.

Para Louis Lavelle<sup>5</sup>, filósofo francês, Narciso errou ao não olhar verdadeiramente ao seu redor, e considerar os outros que o cercavam.

Talvez Sócrates aconselhasse Narciso em sua frase “Conhece-te a ti mesmo”<sup>6</sup> presente no templo de *Delphos*. Sócrates sabia perfeitamente que quem se conhece não cessa de se aprofundar e de se ultrapassar.

Enfim, a pergunta que se subjaz à condição atual das escolas médicas é: quanto se vai do saber aparente ao saber real? De um saber aparente que crê e ostenta saber tudo de um saber real que quanto mais real mais pergunta sobre o que faz e elabora?

Minhas indagações filosóficas se baseiam na crença de que nos últimos 17 anos (tempo da implantação da primeira escola médica PBL no Brasil – a Faculdade de Medicina de Marília - FAMEMA), tal como Narciso, os docentes de escolas com métodos ativos, construíram uma imagem de amor próprio que turva os olhares e os impede de seguir. Assim, retomo quatro aspectos para sustentar minha premissa: a inadequação de Projetos Pedagógicos de Curso Médico; os

---

<sup>6</sup>PESSANHA, JAM. *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates* (Tradução: Enrico Corvisieri). São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 4* (2015/1).

*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*

*Virtues and Principles in Healthcare*

*Virtudes y Princípios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

referenciais filosóficos e epistemológicos; a formação Interprofissional; o método da aprendizagem baseada em problemas.

## **1. A inadequação dos Projetos Pedagógicos de Curso Médico**

É no mínimo estranho reconhecer que Projetos Pedagógicos de Curso que utilizam métodos ativos sejam pouco sistematizados. Quando são, esta sistematização foi realizada por um pequeno grupo de pessoas que se apropriam de um pseudoconhecimento pedagógico para fazê-lo. Sempre que abordo esta questão tenho a tendência (por demasiado amor próprio) de afirmar que em escolas médicas inovadoras o currículo se apresenta de maneira tão viva que não possuir um sistematizado é mais qualidade que defeito. Afinal de contas é melhor que o currículo esteja na cabeça de docentes e discentes do que nas prateleiras de qualquer biblioteca. Quando faço isso, sinto como que me atirando em águas turvas. Bem sei que há muito tempo deixamos de dominar as concepções filosóficas e epistemológicas que sustentam nossas escolhas. Afirmando com total segurança que na maioria das vezes, os professores, não conhecem por completo o curso que as escolas oferecem. É como se nos considerássemos impossibilitados de escrever nossa própria história. É o rio tremulo e turvo que novamente nos apavora. Se no templo de *Delphos* admirava-se o “*Conhece-te a ti mesmo*” o poeta Píndaro nos diz “*Torna-te quem tu és*”. Muitos talvez me digam que em escolas inovadoras são necessários espaços democráticos para a construção dialógica de nossas ações. Não questiono isso, eles de fato devem existir. Todos devem ser convidados a manifestar suas opiniões disse-me certa vez um professor. Penso que a “opinião” é a coisa mais desvalorizada do mundo. A expressão “isso não passa de uma opinião” nos contrapõe ao conhecimento pregado por Platão. Entretanto, sempre



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ* 4 (2015/1).

*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*

*Virtues and Principles in Healthcare*

*Virtudes y Princípios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

reivindicamos a liberdade de exercê-la. Prefiro a expressão “*A César o que é de César e a Deus o que é de Deus*” para suportar minha tese de que nas escolas médicas, muitos docentes e estudantes poderão, por meio de seus conhecimentos e vivências assumir a sistematização de nossas ações pedagógicas em um Projeto Pedagógico de Curso. Afinal um pequeno comitê não é capaz de falar ou escrever sobre algo que não possui ou nunca viveu.

## **2. Os referenciais filosóficos e epistemológicos**

A diversidade destes referenciais adotados pelas escolas as tornam únicas. Entretanto, diz Platão que nós nos percebemos na pupila de um outro olho. Penso que foi assim que nasceu a “nova” escola médica, quando buscou em referenciais externos, a possibilidade de olhar a si mesma e realizar transformações. Entretanto, aquilo que nos tornamos nem sempre expressa a devida sinceridade de nossas ações. Ou seja, a distância entre o que sou e o que mostro deve ser o produto da reflexão e do esforço que faço para ser sincero. Apesar de defendermos insistentemente referenciais inovadores nem sempre somos sinceros em adotá-los ou exercê-los. Existe um distanciamento entre o currículo prescrito e o real indicando uma fragilidade de efetivação das propostas. É como se vendêssemos um produto aos estudantes e ao final entregássemos outro.

A expressão em latim “*Sim ut sum, aut non sim*” (*Eu sou como eu sou ou não sou*) nos revela nosso dever mais alto, nossa dificuldade mais sutil, nossa responsabilidade mais grave, que é a de assumir, como docentes, todo encargo e todas as consequências do que propomos. A fraqueza nos liberta porque nos dá coragem. É a mentira que nos escraviza. Assim acredito ser mais que



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). **Mirabilia Medicinæ 4** (2015/1).

*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*

*Virtues and Principles in Healthcare*

*Virtudes y Princípios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

necessária uma ação de retomada de nossos referenciais. Só nos tornamos inteiramente nós mesmos quando saímos de nós para agir, quando deixamos o domínio da virtualidade para ocupar um lugar no mundo e reivindicar nossa responsabilidade.

Digo isso porque muitas escolas retiraram dos docentes a responsabilidade e o dever de realizar proposição curricular. Se por um lado é um avanço a criação de grupos de construção curricular, porque possibilita uma participação coletiva, ao longo do tempo eles se tornaram esvaziados e perdemos um dos grandes ganhos que é o de nos conhecer a partir do conhecimento do outro.

Escritos antigos relatam que os deuses do Olimpo se vingaram de Prometeu porque ele ensinou os homens a trabalhar, isto é, a transformar a matéria com suas mãos imprimindo-lhe a marca do seu espírito. Eles temiam então que os homens se afastassem deles e deixassem de adorá-los. Talvez tenhamos feito isso em relação aos referenciais da aprendizagem baseada em problemas. A pergunta é: onde está a marca de cada docente na construção curricular do curso médico? O trabalho docente, que reside no ato de propor e de ensinar, deve ir além da mera consulta e fluir da idéia ao ato como alguém que serve para alcançar o estudante.

Portanto, o trabalho docente deve renascer. Alguns talvez digam que possibilitar isto seria um retrocesso ou uma agressão à pureza do método. A questão é: será que Narciso morre de tristeza ao ver uma beleza que é sua e que permanece para ele num espetáculo puro?

Se olharmos tantas escolas que realizaram modificações curriculares chegaremos à conclusão de que a expressão “seguir um modelo purista”, tantas





ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 4* (2015/1).

*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*

*Virtues and Principles in Healthcare*

*Virtudes y Princípios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

vezes defendida, coloca as escolas na posição de quem ainda se debruça sobre o rio em busca da água que deveria matar a sede, mas que poderá matar o método.

### **3. A formação Interprofissional**

A vivência da implementação desta estratégia educacional me abriu o olhar sobre a grande potencialidade de formar juntos profissionais que irão trabalhar juntos. Algumas escolas têm insistido neste processo. Entretanto, por vezes me pergunto se de fato juntamos estudantes em estratégias comuns com esta intencionalidade, ou apenas para a otimização de recursos, sobretudo, docentes.

Não raras vezes fui perguntado sobre esta opção com um misto de curiosidade e de desdém. Quando saio em defesa desta possibilidade garanto que é possível aprender e ensinar a partir deste paradigma. Porém, sempre após cada defesa sinto que me atirei mais profundamente no rio de águas turvas. Seria eu tão hipócrita a ponto de defender algo que não acontece na realidade apenas para reafirmar meu amor-próprio?

Concluo que não. Ao contrário, acredito nesta possibilidade e também sei que não estamos inventando a “roda”. A formação interprofissional em saúde é realizada em muitos outros países, além do Brasil, com muito sucesso. Apenas reflito que para isto de fato acontecer, devemos rever todo o referencial de competência profissional e de estruturação curricular.

Muitas vezes, o entendimento polissêmico de competência e da opção da definição, impedem que a interprofissionalidade se torne real. Para que se faça adequadamente a interprofissionalidade temos que garantir a estratificação da



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ* 4 (2015/1).

*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*

*Virtues and Principles in Healthcare*

*Virtudes y Princípios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

competência em competências comuns, colaborativas e específicas. Neste sentido, há que se garantirem momentos específicos de cada curso invertendo a atual lógica de oferecer o mesmo a todos.

Atualmente, muitas escolas trabalham absolutamente tudo como sendo comum. Estaríamos nós passando o sarrafo por cima ou por baixo? Perguntou-me certa vez um professor. Precisamos urgentemente reconhecer o que é “comum”.

Segundo o Filósofo Vieillard-Baron<sup>7</sup> o comum é ao mesmo tempo a perfeição da nossa atividade, quando ela descobre a fonte onde se alimenta, e a sua degradação, quando renuncia a toda a iniciativa e se deixa levar pelo exterior. É o que se possui e se obtém sem esforço, isto é, o que se imita, ou então o que é mais raro e mais difícil, porque obriga todos os seres a se ultrapassarem num princípio no qual comungam.

O fato é que há tempos duvidamos da efetividade do que propomos. Assim, há que se rever o conceito de comum e a obrigatoriedade de realizar as atividades acadêmicas o tempo todo juntos.

Portanto, defendo momentos de separação, mesmo nas séries iniciais. Mas da separação que une por entender que a separação e a união se solicitam uma à outra e se reconciliam na cooperação viva de grupos em vista do alcance dos mesmos objetivos que ultrapassam ambos e para qual cada um contribui com suas próprias características.

---

<sup>7</sup>VIEILLARD-BARON, Jean-Louis. *Bergson et le bergsonisme*, Paris: Armand Colin, 1999.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 4* (2015/1).

*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*

*Virtues and Principles in Healthcare*

*Virtudes y Princípios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

#### 4. O método da aprendizagem baseada em problemas

Ainda existe muita confusão conceitual sobre o que seja Aprendizagem Baseada em Problemas (Problem Based Learning – PBL) e Problematização. Temo que algumas escolas não sejam capazes de realizar a devida distinção entre os dois. Enfim, a maioria se afirma como escola que optou por tornar o professor um facilitador da aprendizagem e o estudante o protagonista do processo.

Algumas, entretanto, com o passar do tempo retomaram a figura do professor como alguém que ensina e assim neste universo passamos a encontrar as chamadas escolas híbridas. Estas, em alguns momentos, avançam (diriam alguns) ou retrocedem (afirmariam outros) nesta ação sobre o aprender e ensinar.

Então, a pergunta central passa a ser: quanto se vai da Filosofia ao Método?

René Descartes considerado o pai da Filosofia moderna também foi conhecido por seu nome latino *Renatus Cartesius*. É comum atribuímos a denominação cartesiano quando desejamos explicar um método. Assim, o método cartesiano consiste no ceticismo metodológico - que nada tem a ver com a atitude cética: duvida-se de cada ideia que não seja clara e distinta.

Por isso foi natural que o próprio Descartes duvidasse do método. Em sua obra *O Discurso do Método*<sup>8</sup> fica claro seu conflito entre defendê-lo ou negá-lo em função de sua formação filosófico cristã.

---

<sup>8</sup>DESCARTES, René. *Discurso do Método* (Tradução: Maria Ermantina Galvão; Revisão da tradução: Monica Stahel). São Paulo: Martins Fontes, 2001.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 4* (2015/1).

*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*

*Virtues and Principles in Healthcare*

*Virtudes y Princípios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

Teríamos nós os mesmos sentimentos de Descartes? Estamos seguros de que o método empregado é suficientemente epistemológico?

O fato é que, há muito tempo estudantes e professores apregoam a necessidade de que isto seja revisto. Estão os estudantes realizando proposição curricular de acordo com seus desejos de aprendizado, assumindo para si a responsabilidade docente?

Penso que se defendemos uma formação a partir da vivência dos processos de trabalho, considerando o grau de autonomia e complexidade dos estudantes, é quase um contrassenso admitir que os mesmos, sobretudo nas séries iniciais, tenham a máxima autonomia de construção do conhecimento.

Por isso, defendo o princípio da criação de cenários de apoio com maior interferência docente nas séries iniciais que passem a diminuir gradualmente até que os estudantes tenham segurança e maturidade para assumirem seu papel de total protagonista.

Quando falo em cenários de apoio refiro-me à necessária oferta de práticas nas diversas disciplinas das ciências básicas além de momentos de teorização, isso mesmo, teorização, que deveriam servir como disparadores estruturantes para o entendimento e aprofundamento dos problemas apresentados.

Não quero com isso me contrapor aos princípios epistemológicos dos atuais currículos inovadores. Sou um defensor da Epistemologia Genética de Piaget que brilhantemente explica a estruturação mental do domínio cognitivo. Mas mesmo ela busca uma noção de equilíbrio para a elaboração de uma tríade de



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 4* (2015/1).

*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*

*Virtues and Principles in Healthcare*

*Virtudes y Principios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

conceitos que são fundamentais e dos quais todos os demais conceitos da teoria são derivados: organização, esquema, assimilação e acomodação.

Não sejamos, portanto contra o método! Mas temos que buscar mais organização na apresentação dos conteúdos, mesmo que eles venham da prática real vivida. Retomar a construção de esquemas como os mapas conceituais que demonstrem a interligação dos temas e conteúdos apresentados. Somente assim, os estudantes terão ferramentas suficientes para assimilar e acomodar o novo conhecimento formado.

Finalmente, retomo uma questão fundamental: o que é realmente ensinar? Eis uma pergunta que, nos dias de hoje, inquieta a todos nós.

Nesta nova era da Gestão do Conhecimento, muito falamos sobre a necessidade de facilitar o aprendizado em detrimento do ato de ensinar. Entretanto, quando fazemos outra pergunta: o professor deve ensinar? A resposta da grande maioria dos estudantes e professores será: ele deve! E isto está intrinsecamente ligado ao fato de que o professor é alguém que age, e consciente ou inconscientemente, tem influência sobre o futuro de seus estudantes. Portanto, o ensinar sempre estará presente em todos os professores independente do fato dele “SER” ou “ESTAR” nesta posição. Ensinar é uma qualidade essencial em todo ser humano.

Os professores querem ensinar porque desejam fazer algo bom, útil aos seus estudantes e isto está na natureza do professor.

Por isso, a pergunta que se coloca não é se o professor deve ensinar, mas como deve ensinar. Como o seu “EU” professor age durante o processo educacional.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 4* (2015/1).

*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*

*Virtues and Principles in Healthcare*

*Virtudes y Princípios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

Se por um plano preestabelecido ou guiado por forças desconhecidas.  
Lembremos de Narciso e de sua autocontemplação à beira do rio.

O quanto é importante que o professor conheça a si mesmo, o currículo, e  
conheça seus estudantes.

Assim, esta busca do autoconhecimento do “SER” professor pode tornar-se  
um instrumento especial e abrir possibilidades para o ato de ensinar que,  
continuamente, é exercido por todos nós. Entretanto, a profissão de Professor  
não está circunscrita ao ato de ensinar, mas ao de “SER” muito mais do que  
“ESTAR”, e, portanto, quanto mais se evidencia o “SER”, quanto mais ele se  
torna presente, mais efetivo será ao estudante servir-se do seu “EU” professor.<sup>9</sup>

Acredito que nós Professores não “ESTAMOS”, nós “SOMOS”.

\*\*\*

## Bibliografia

AGUILAR-SILVA, Rinaldo Henrique. *Professor: ser ou estar?* 1 ed. São Paulo: Phorte, 2014.

DESCARTES, René. *Discurso do Método* (Tradução: Maria Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAVELLE, Louis. *O Erro de Narciso* (Tradução Paulo Neves). São Paulo: É Realizações, 2012.

---

<sup>9</sup>AGUILAR-SILVA, Rinaldo Henrique. *Professor: ser ou estar?* 1 ed. São Paulo: Phorte, 2014.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 4* (2015/1).

*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*

*Virtues and Principles in Healthcare*

*Virtudes y Princípios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DO BRASIL. Conselho Nacional de Educação.  
*Parecer CNE/CES 1.133/2001*, de 7 de agosto de 2001. Disponível em:  
[HTTP://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2001/pces1133\\_01.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2001/pces1133_01.pdf)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DO BRASIL. Conselho Nacional de Educação.  
*Parecer CNE/CES 116/2014*, de 6 de junho de 2014. Disponível em:  
[HTTP://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2014/pces116\\_14.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2014/pces116_14.pdf)

PESSANHA, J. A. M. *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates* (Tradução Enrico Corvisieri).  
São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999.

PIAGET, Jean. *Para onde vai a educação?* 10.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

VIEILLARD-BARON, Jean-Louis. *Bergson et le bergsonisme*. Paris: Armand Colin, 1999.